

“Violent pride – Do people turn violent because of self-hate, or self-love?”

Roy F. Baumeister

Scientific American, p. 82-7, April 2001

Resenhado por: Marcos Romano Bicalho

Tempos de violência: um assunto atual

Em tempos de violência, torna-se oportuna uma reflexão sobre o assunto.

Afinal, como entender a violência? Que relações teria com os transtornos mentais? Trata-se de um tema muito pertinente para a psicopatologia contemporânea. É conhecimento corrente que pessoas agressivas teriam uma baixa auto-estima e reagiriam ao ferimento egóico apresentando comportamentos violentos. Será mesmo?

Não é o pensamento de Roy F. Baumeister. O seu texto, em linguagem acessível ao leigo, conforme linha editorial da *Scientific American*, é um resumo de vários trabalhos, rico para pensarmos a respeito da violência. A idéia do autor foi testar de várias formas a hipótese de que a ameaça ao ego em pessoas com alta auto-estima estaria correlacionada à violência. Não cabe aqui uma análise dos métodos utilizados, que são vários, alguns até questionáveis, mas sim aproveitar a amplitude das idéias para a discussão da violência. Baumeister é um psicólogo social que não ficou restrito a uma metodologia, tendo o mérito de investir em técnicas empíricas controladas para abordar tema tão complexo.

Seguem abaixo alguns dados apresentados no artigo (não estão listados em ordem de importância, mas à medida que chamaram minha atenção):

- homens tendem a ter maior auto-estima do que as mulheres;
- variações da auto-estima tendem a ser pequenas em uma determinada pessoa ao longo da vida;
- as pessoas mais hostis apresentaram alta, porém instável, auto-estima;
- pessoas com alta auto-estima estável são as menos hostis;
- a baixa auto-estima, inclusive em deprimidos, não foi correlacionada com violência;
- os criminosos violentos presos descreveram-se com frequência como superiores aos outros;
- narcisistas reagem violentamente quando insultados, direcionando a agressividade a quem os insultou e não a terceiros inocentes.

Estes dados poriam por terra a hipótese mais conhecida sobre a baixa auto-estima, levando a comportamentos agressivos por vias defensivas (violência como sintoma). Não valeriam mais as tentativas de tratar os agressores por meio de um trabalho de estímulo e reforço do ego. Baumeister estaria colocando o problema ao nível estrutural da personalidade, o que traria grandes desafios para a terapêutica. De qualquer modo, a experiência clínica mostra a possibilidade de haver vários tipos de violência, consideração que o autor não fez.

Em contraste a isso, temos os estudos do antropólogo Napoleon Chagnon que durante anos estudou os ianomamis na região Amazônica. Afora a polêmica recente sobre a veracidade dos seus dados (ver o texto de Patrick Tierney, *Darkness in El Dorado*, Norton, W.W. & Company, Inc., 2000), Chagnon afirmou que os índios ianomamis são naturalmente violentos, sendo sua agressividade voltada para disputas de mulheres e não de bens ou poder. No seu artigo para a *Science* (1988) – apud Wong, K, “Fighting the Darkness in El Dorado”, *Scientific American*, p. 20-2, mar/2001 – ele relata que 40% dos homens das 12 vilas pesquisadas tinham participado da morte de outro ianomami; 25% das mortes de homens adultos resultaram de violência, e aproximadamente dois terços de todas as pessoas com 40 anos ou mais tinham perdido pelo menos um familiar pela violência. Para Chagnon, estes dados conduziam a uma perspectiva darwiniana sobre a cultura. Controvertida ou não, esta postura nos remete à possível relevância do biológico na formulação de explicações para a violência.

Baumeister é cuidadoso para não fazer uma inferência direta da violência a partir de um ego inflado. Deixou claro em seu artigo que a agressividade está em todas as pessoas e que aquelas com características narcísicas não são mais agressivas do que as outras, desde que, claro, ninguém as insulte ou critique.

Seja qual for o tipo de violência que pretendemos estudar, trata-se de fenômeno abundante atualmente. Portanto, sua importância requer nossa atenção. Se Baumeister estiver certo, deveremos repensar alguns aspectos sobre a vida social e a psicopatologia. Provavelmente precisaremos pesquisar melhor a associação entre o

comportamento violento e as dimensões psicopatológicas (reagrupamento de sintomas) em vez de enfatizar as categorias. Em outras áreas, como no sistema educacional, há também implicações, pois tentar elevar a auto-estima de alunos sem que haja o devido merecimento para tal, poderá contribuir para a agressividade nas escolas. Isto, para não entrar em outros campos de violência como as guerras e o terrorismo, onde o componente psicopatológico enfatiza a crença de superioridade.

Por fim, este texto ajuda-nos a perceber a importância de haver a integração das diversas áreas afins. Ficou claro que precisaremos definir modelos explicativos do comportamento violento que incluam considerações sobre os diversos fatores envolvidos.

“A psiquiatria pernambucana à luz de suas publicações”

Walmor J. Piccinini

Neurobiologia, 64 (1-2), jan-jun/2001, p. 29-33.

Resenhado por: Mário Eduardo Costa Pereira

Um olhar sobre a história da psiquiatria pernambucana a partir de suas publicações

Criada em 1938 por Ulysses Pernambucano, a revista *Neurobiologia* é o periódico mais antigo da área psiquiátrica em circulação atualmente no Brasil. Indexada no Biological Abstracts, da Filadélfia e no Centro Bibliográfico Médico, de Roma, *Neurobiologia* é a revista das ciências do comportamento da Universidade de Pernambuco (UPE) e do Centro de Ciências da Saúde da UFPE e órgão de divulgação das atividades científicas da Associação Mundial de Saúde Mental de Língua Portuguesa (ASMELP), tendo por editor o Professor Othon Bastos, ex-presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria, titular do departamento de Neuropsiquiatria da

UFPe e um dos maiores nomes do ensino e da pesquisa em psicopatologia em nosso país.

No número de jan-jun/2001, a revista traz um importante artigo do psiquiatra gaúcho Walmor J. Piccinini que traça um panorama da história da psiquiatria em Pernambuco, tendo como fonte os artigos publicados desde 1938 em *Neurobiologia* e em outros periódicos nacionais.

O artigo retoma a história da medicina pernambucana desde o período da ocupação holandesa, mostrando a posição singular que essa sustentou na medicina brasileira. O cuidado específico de doentes mentais começou a ser realizado de forma sistemática naquele estado somente no século XIX, inicialmente em um hospital geral – o Hospital Geral São Pedro de Alcântara (a partir de 1851), até que a assistência a esses pacientes fosse transferida para o Hospício da Tamarineira, em 1883.

O texto retrata de forma sintética e pontual os principais marcos da evolução da assistência psiquiátrica e do ensino da psiquiatria em Pernambuco, com especial destaque aos papéis decisivos desempenhados por Ulysses Pernambucano, José Lucena e Othon Bastos, mestres de três gerações da prestigiosa Escola de Psiquiatria de Pernambuco, retraçando suas respectivas filiações. As profundas influências dessa Escola na formação do pensamento psiquiátrico no Brasil são apenas indicadas, solicitando trabalhos posteriores que possam examiná-las ainda mais detalhadamente.

A pesquisa que deu origem ao artigo aqui apresentado baseou-se na consulta de 786 trabalhos, coletados não apenas em *Neurobiologia* (576), mas também no *Jornal Brasileiro de Psiquiatria* (81), nos Arquivos de Assistência aos Psicopatas de Pernambuco (30), bem como em teses, monografias e artigos internacionais. Dada sua extensão, essa riquíssima bibliografia não pôde ser apresentada no trabalho do dr. Piccinini. O autor informa, contudo, que esta comporá um dos capítulos do livro *História da Psiquiatria Pernambucana e outras histórias*, de autoria do professor Othon Bastos, em fase de conclusão.

Em nosso contexto brasileiro, no qual a memória de nossa formação científico-cultural é comumente negligenciada, privando-nos de uma postura mais crítica de nossa inserção nos debates psicopatológicos e psiquiátricos mundiais, um trabalho dessa envergadura é mais do que bem-vindo, devendo encorajar novos autores a prosseguir-lo e a aprofundá-lo.

“Biologizing social facts: An early 20th century debate on Kraepelin’s concepts of culture, neurasthenia, and degeneration”

Volker Roelcke

Culture, Medicine and Psychiatry, 21: 383-403, 1997.

Resenhado por: Silvia Inglese Ribes

Pesquisa em psiquiatria e as escolhas que a antecedem: Kraepelin revisitado

172

Sabemos que as descobertas científicas são influenciadas pelo contexto sociopolítico e cultural de uma época, uma vez que ele tem um papel importante no favorecimento de determinadas linhas de pesquisa. Assim a ciência, e falo agora mais especificamente da psiquiatria, não se desenvolve à margem dos interesses econômicos e políticos de sua época e de seu país. Acontece que esses interesses, geralmente não explícitos, podem determinar decisões pré-empíricas que moldarão conceitos teóricos. Conhecer os fatores que estavam em jogo na elaboração de determinada teoria, e o contexto que permitiu que ela se sobrepusesse em relação às suas concorrentes não diminui o valor da teoria em si, mas faz com que tenhamos consciência dos valores priorizados na sua elaboração e daqueles rejeitados.

É nesse sentido que o artigo de Roelcke tem muito a nos acrescentar. Ele procura esclarecer algumas das pressuposições contidas nas teorias kraepelianas através do debate entre Kraepelin e Oswald Bumke sobre a categoria neurastenia e a noção de degeneração. Roelcke reconstrói o contexto histórico do início do século na Alemanha, e vai mostrando com clareza a forma pela qual se deu a dominância da perspectiva somato-biológica na obra de Kraepelin, ao mesmo tempo em que as dimensões biográfico-psicológica e sociocultural eram marginalizadas.

Dessa forma o autor vai fornecendo elementos para mostrar como Kraepelin acabou por biologizar fatos sociais, questão essa que será tema do debate entre Bumke e Rüdín, discípulo de Kraepelin, sobre a teoria da degenerescência.

Prosseguindo sua análise, Roelcke vai argumentar no sentido de que a nosologia kraepeliana e seus desdobramentos, justamente por biologizarem fatos sociais, seriam mais passíveis de serem politicamente manipuladas do que outras abordagens em psiquiatria.

Como podemos perceber, a intenção de Roelcke não é apenas a de uma análise histórica. Ele se preocupa em fornecer elementos que propiciem a discussão dos pressupostos e das motivações implícitas nas pesquisas atualmente realizadas, uma vez que entende que as questões discutidas no início do século XX na Alemanha precedem àquelas que deram origem à publicação do DSM-III em 1980 e que levaram a corrente neo-kraepeliana a uma posição de destaque dentro da psiquiatria.

Dessa forma, Roelcke nos proporciona uma leitura muito interessante e instigante, tanto pela análise que faz da história da psiquiatria, quanto por aquela que nos convida a fazer do contexto da psiquiatria atual.

“The Initial Prodrome in Schizophrenia:
Searching for Naturalistic Core Dimensions of Experience and Behavior”

Paul Moller and Ragnhild Husby
Schizophrenia Bulletin, v. 26, n. 1, 2000

Resenhado por: Silvia Inglese Ribes

Psicopatologia fenomenológica reconsiderada

Percebemos atualmente um aumento do interesse pelo estudo dos sintomas iniciais da esquizofrenia. A detecção precoce dessa condição, que na maioria das vezes atinge adolescentes e adultos jovens, possibilitaria a implantação de medidas preventivas com o objetivo de dar outro rumo para essa doença de curso habitualmente grave e incapacitante.

Mas esta não é a única motivação por detrás dessas pesquisas. O estudo da esquizofrenia inicial, que já havia despertado o interesse de Sullivan (1927) e Cameron (1938), conta atualmente com avançados recursos tecnológicos que teriam a possibilidade de identificar os mecanismos neurofisiológicos envolvidos na esquizofrenia.

Entretanto, para que esses estudos alcancem seus objetivos, é necessário que os pacientes sejam corretamente selecionados para a pesquisa. Assim, uma metodologia específica para a identificação dos estágios iniciais da psicose também é de extrema importância nesse âmbito.

Este é o contexto em que se insere a pesquisa desenvolvida por Moller e Husby. Eles vão buscar, como aponta o próprio título do artigo, dimensões nucleares da experiência e do comportamento nos pródromos da esquizofrenia. Os autores pretendem entender melhor aquilo que deve ser detectado, sobretudo nas experiências subjetivas, uma vez que as alterações do comportamento só serão entendidas como patológicas numa fase mais avançada da doença. Entretanto, para a análise das vivências subjetivas, devemos recorrer a uma nova – ou velha – metodologia?

É justamente esse aspecto do artigo que gostaria de pôr em evidência. Os autores vão retomar a fenomenologia, em especial o trabalho de Conrad sobre a esquizofrenia incipiente, a fim de refletir e validar os dados da sua pesquisa. Assim, a partir de uma análise inicial dos relatos subjetivos de pacientes esquizofrênicos em recuperação, e com o auxílio dos estudos fenomenológicos, apresentam duas dimensões nucleares como hipótese para o que é vivenciado nesse período.

- distúrbios da percepção do *self*;
- extrema preocupação e absorção por idéias sobrevaloradas.

Estas duas dimensões vão ser correlacionadas ao *trema* e à fase apofânica descritas por Conrad e a partir daí discutidas. A discussão da primeira dessas dimensões vai levar inclusive à proposta de uma revisão do conceito de despersonalização, tal como é apresentado pelo DSM-IV, a fim de contemplar também os aspectos psicóticos originariamente implicados nesse conceito.

E assim voltamos às discussões em psicopatologia que por tanto tempo estiveram ausentes da psiquiatria! É claro que pesquisas desse tipo encontram uma série de dificuldades e limitações, algumas delas já apontadas pelos autores no artigo em questão. Entretanto, penso que essas restrições não invalidam alguma contribuição da psicopatologia fenomenológica na análise de relatos subjetivos, metodologia essa que pode vir a colaborar, em última instância, tanto para o desenvolvimento das neurociências, como para a implantação de programas de prevenção em saúde mental. Nesse sentido o retorno à fenomenologia seria, além de prazeroso, extremamente útil.